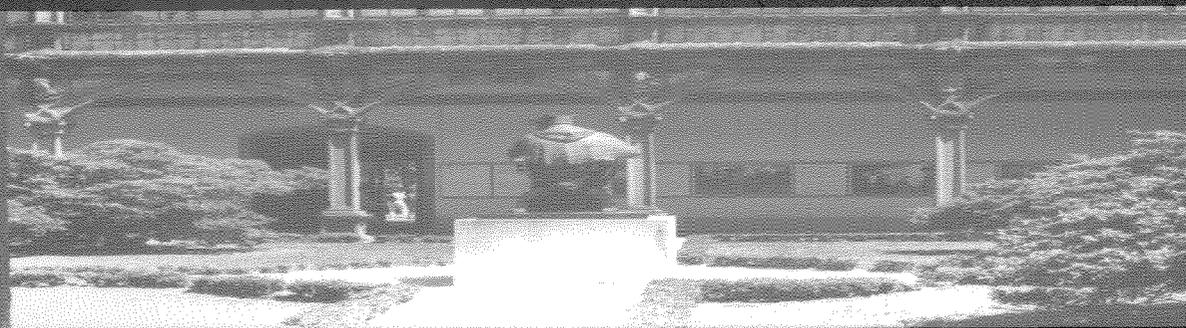


C U R S O S E C O N G R E S O S

ACTAS
DEL COLOQUIO INTERNACIONAL

Cátedra UNESCO 226 sobre Migraciones
Santiago de Compostela
13-14 de noviembre de 2014

Emigración y literatura: historias, experiencias, sentimientos



EDICIÓN A CARGO DE
Julio Hernández Borge
Domingo L. González Lopo

UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

publicacións

Emigración y literatura: historias, experiencias, sentimientos: actas del Coloquio Internacional, Santiago de Compostela, 13-14 de noviembre de 2014 / edición a cargo de Julio Hernández Borge, Domingo L. González Lopo — Santiago de Compostela : Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2015
249 p. : 24 cm. — (Cursos e congresos da Universidade de Santiago de Compostela ; 231)
D.L. C 2083-2015. — ISBN: 978-84-16533-07-7
I. Emigración e inmigración na literatura — Congresos I. Hernández Borge, Julio, 1949- , ed. lit. II. González Lopo, Domingo L., 1957- , ed. lit. III. Universidade de Santiago de Compostela. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, ed.

82:325.25(063)

© Universidade de Santiago de Compostela, 2015

Edita

Servizo de Publicacións e Intercambio Científico
Campus Vida
15782 Santiago de Compostela
usc.es/publicacions

Maqueta

Marcial Martínez
Imprenta Universitaria

Imprime

Imprenta Universitaria
Campus Vida
15782 Santiago de Compostela

Dep. Legal C 2083-2015
ISBN 978-84-16533-07-7

ÍNDICE

Presentación	7
<i>La literatura y la emigración</i> Julio HERNÁNDEZ BORGE y Domingo L. GONZÁLEZ LOPO	9
<i>Los gallegos en la península: emigración urbana y fuentes literarias</i> Arturo IGLESIAS ORTEGA	15
<i>Viagens aos lugares de destino da emigração no Brasil, segundo a América Austral de António Lopes Mendes (1882-1883)</i> Jorge FERNANDES ALVES y Elsa PACHECO	47
<i>O imaginário bruxólico da Ilha de Santa Catarina</i> Léila PEREIRA DA SILVA NUNES	83
<i>Da metrópole ao enclave e vice-versa. A ideia de cultura num agente destacado do enclave galego de Lisboa: Alfredo Guisado</i> Carlos PAZOS JUSTO	103
<i>Escribir as orixes: as memorias de María Casares</i> María LOPO	115
<i>Vivir des-ubicado: migración y exilio en Witold Gombrowicz</i> Edoardo BALLETTA	139

<i>Literatura e emigração. O «Ciclo Europeu» no quadro da produção literaria portuguesa</i> Maria Beatriz ROCHA-TRINDADE	151
<i>A emigración cara a Europa na literatura galega</i> Dolores VILAVEDRA	187
<i>Emigración y literatura árabe: tránsitos identitarios</i> Gonzalo FERNÁNDEZ PARRILLA	203
ANEXO <i>Mujer gallega y emigración: estadísticas y bibliografía</i> Julio HERNÁNDEZ BORGE	227

PRESENTACIÓN

Se recogen en este libro los textos de las ponencias presentadas en el XI Coloquio Internacional “Emigración e literatura: historias, experiencias, sentimientos”, celebrado en Santiago de Compostela los días 13 y 14 de noviembre de 2014, organizado por la cátedra Unesco 226 sobre Migraciones de la Universidad compostelana.

A través de estas breves líneas, los coordinadores de dicha cátedra queremos manifestar nuestro agradecimiento a todas aquellas entidades y personas que han hecho posible la realización de este Coloquio, undécimo de los celebrados hasta el momento presente, destacando especialmente al Rectorado compostelano a través del Vicerrectorado de Oferta Docente e Innovación Educativa, así como a la fundación del Banco Santander, por la financiación prestada.

Julio Hernández Borge y Domingo L. González Lopo
Coordinadores de la Cátedra UNESCO 226 sobre Migraciones
Universidad de Santiago de Compostela

- Magalhães, Aloísio (1997): *E Triunfo? A Questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Roberto Marinho.
- Nunes, Lélia Pereira da Silva (2003): *Presença Açoriana na Literatura da Ilha de Santa Catarina* – publicado no SAAL – Suplemento Açoriano de Artes e Letras da revista SABER, ANO IV, n.º 9. Novembro 2003. Ponta Delgada-Açores.
- Pisani, Osmar (2003): *Variações lírico-pictórias sobre o Boi-de-mamão*. Florianópolis, Fundação Aníbal Nunes Pires.
- Pisani, Osmar (2004): *Raízes d'Além mar, Cores e Versos na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Aníbal Nunes Pires.
- Prade, Péricles (2003): *Além dos Símbolos*, Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Sá, Daniel de (2003): *Açores, Rio e Mouro*, Everest Editora, Ltda.
- Sousa, Cruz e. (1981): *Poesia Completa. Introdução de Maria Helena Camargo Régis*, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.
- Sousa, Cruz e. (1994): *Broquéis, Edição fac-similar; introdução de Ivan Teixeira*, São Paulo: Edusp.
- Sousa, Cruz e (1998): *Faróis, Edição fac-similar – Cem anos da morte do autor, introdução de Ivan Teixeira*; Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.
- Sousa, Cruz e. (1998): *Poemas: Seleção, introdução e notas de Eglê Malheiros*, Florianópolis: C. E. Centenário de Morte de Cruz e Sousa, Brasília, Senado Federal.

Da metrópole ao enclave e vice-versa. A ideia de cultura num agente destacado do enclave galego de Lisboa: Alfredo Guisado

CARLOS PAZOS JUSTO

Universidade do Minho. Grupo Galabra (USC)

Apesar da notória capacidade do campo de estudos galegos, desde *grosso modo* a década de 80, para (re)descobrir e analisar o percurso da Galiza (também a da emigração) enquanto comunidade, o enclave galego de Lisboa tem recebido, comparativamente, uma atenção bem escassa; nem para a filologia, nem para a história, por exemplo, significou um objeto de estudo, em geral, definido ou desejável. Os motivos de tal desatenção prendem-se, na minha interpretação, com dois fatores. Por um lado, o facto de os enclaves galegos de América acabarem por ser, no pós-36, o destino de significados agentes da emergência cultural galega (Castelao à frente), fez com que o espaço americano ganha-se uma dimensão central para os galeguistas, entre outros, e, por seu turno, uma ampla visibilidade em meios académicos, até o presente (cfr. Martínez 2013); o enclave galego de Lisboa, no seio do Estado Novo salazarista (apoio fundamental dos golpistas espanhóis de 36), deixará de ser uma referência destacada para os galeguistas metropolitanos e, especialmente a partir de meados de século, perderá capacidade de atração migratória ao mesmo tempo que vai enfrentar uma crescente invisibilidade. Acresce a isto, em segundo lugar, o facto não menor de a fortaleza institucional do campo de estudos galegos coincidir com a tendência analítica para o “abandono da referencialidade portuguesa” (Samartim 2012: 200) no quadro relacional galego-português; por outras

palavras, a *portugalidade* do enclave galego de Lisboa tem sido um obstáculo a travar o seu (re)conhecimento, a sua pertinência enquanto objeto de estudo¹.

Este estado da questão aqui rapidamente descrito não me impede afirmar a relevância quantitativa e qualitativa que a colónia galega de Lisboa teve durante períodos extensos, nomeadamente no virar de século, para vários grupos (galeguistas, entre outros) da metrópole. Os galegos foram, anoto, durante séculos a comunidade imigrante maioritária na capital lusa, e como tal experimentaram uma evolução notável, também no que diz respeito aos modos de se relacionarem material, física e simbolicamente com a Galiza. Assim, neste breve trabalho, tentarei contribuir para esclarecer esta última questão a partir de Alfredo Guisado, equacionando, como hipótese, que a análise da trajetória de um membro destacado do enclave vai dar-nos pistas fiáveis, em termos culturais aqui, acerca do funcionamento do mesmo.

Origem social de Alfredo Guisado

Nascido lisboeta, Alfredo Guisado (1891-1975), como se sabe, chegou a ter em vida uma posição destacada no campo literário português ao participar no surto do primeiro modernismo português (ao lado de Fernando Pessoa ou Mário de Sá-Carneiro, por mencionar dois dos mais célebres *órficos*) e no campo político, pois depois de ser deputado à Assembleia da República em 1925-26, significou-se no seio de grupos republicanos de oposição (tolerados) ao regime salazarista. Paralelamente, com maior relevância para os objetivos deste trabalho, significou-se igualmente entre a comunidade galega a residir na capital lusa, assim como perante vários grupos metropolitanos, entre os quais os (republicano-)agraristas da década de 10 e dos galeguistas da década de 20. Factos estes, sublinho, não menores para um *filho* da colónia galega que, como tal, está vital e simbolicamente inscrito nas lógicas (não apenas, é certo) próprias da comunidade de emigrantes galegos de Lisboa.

O caso de Alfredo Guisado, da família Guisado aliás, como potencialmente o de outras muitas famílias do sul da Galiza, informa de um fenómeno migratório temporalmente dilatado (e parcialmente atual)². De 1745 data a primeira informação a documentar um Guisado em Lisboa oriundo de Pias, paróquia do município de Ponte Arêas. Este primeiro Guisado, Francisco de nome, segundo documen-

¹ Apesar disto, cabe anotar que sim há alguns trabalhos relevantes sobre o assunto, como os de González Lopo (2006 ou 2013), García (1996), Alves (2002) ou Peña (2002); os meus contributos ao respeito constam de Pazos 2015.

² Ainda hoje, há alguns *Guisados* portugueses a frequentar segundas residências em Ponte Arêas. Falta, no entanto, pesquisar acerca da força desta lealdade com as origens no sentido, por exemplo, de apurar o número de cidadãos portugueses com residência na terra dos seus ascendentes e os seus modos de agir e imaginar a sua outra terra.

tou González Lopo (2013), é atendido num hospital lisboeta e, significativamente, consta como *mosso de saco* no arquivo hospitalar. Já na primeira metade do século XIX, as referências confiáveis aos ascendentes de Alfredo Guisado, situam-nos como proprietários do famoso restaurante Irmãos Unidos (Santana e Sucena 1999: s. v. “restaurantes; Irmãos Unidos”). Mais à frente, nos inícios do século XX, António Venâncio Guisado, pai de Alfredo e originário de Pias, é um abastado comerciante com vários negócios em Lisboa, mas também com interesses incipientemente políticos como demonstra a sua filantropia agrarista (é um dos financiadores do semanário agrarista *El Tea*) ou as tendências regionalistas que indicia a atenção que lhe dedica a importante revista metropolitana *Vida Gallega* (31/05/1910). O trajeto que vai de Francisco Guisado a Alfredo Guisado certifica, em suma, as conquistas económicas de uma parte significativa da colónia galega de Lisboa, os *Lisboanos*³, e a perdurabilidade não apenas do movimento migratório entre numerosas povoações galegas e a capital lusa, mas também dos vínculos que se estabelecem entre as pessoas e os espaços territorial e culturalmente considerados; significa, neste sentido, a possibilidade que várias gerações de *Guisados* tiveram de usufruir dois espaços materiais e simbólicos, ao passo que espelha diacronicamente a configuração de, nos termos de Elias Torres (2015) uma *afetividade identitária*⁴ em Alfredo Guisado (e noutros agentes), que, como tentarei mostrar, implica uns modos de pensar e agir concretos, associados a estes espaços.

Ideias e práticas culturais

A análise da trajetória de Alfredo Guisado mostra como a comunidade galega de Lisboa, imersa num crescente processo de complexificação determinado pelo

³ *Lisboanos* era a denominação que recebiam no sul da Galiza os galegos abastados residentes em Lisboa.

⁴ Com o conceito de *afetividade identitária*, noção que tomo de texto ainda não publicado, Torres Feijó (2015) alude “conjunto de dispositivos e esquemas e/ou ao conjunto de materiais, normas e modelos de visão, classificação e práticas das pessoas [...] produto de identificações sentimentais; a afetividade identitária refere-se a um conjunto identitário (valores, objetos, símbolos, espaços, tempos...) alicerçado sentimentalmente que condiciona as formas de estar, ver, classificar e intervir das pessoas. Se chamo a atenção para esta esfera sentimental é para sublinhar as motivações que ela produz nas formas de ver ou fazer, ao lado (ou frente a) o que poderemos denominar racionalidade identitária. Aludo a todo o conjunto de ver e fazer de pessoas ou setores comunitários mediatizado por causas afetivas que, sobretudo, apresenta um fator mediador ou instrumental; decisões que se produzem em função de vínculos ou projeções afetivas, geração de atrações motivadas pela identificação sentimental ou sentimento de pertença que um agente experimenta com relação ao que esses itens significam para ele e para um conjunto de membros da comunidade”.

Do ponto de vista teórico, tenho em consideração igualmente a distinção entre *bens* e *ferramentas* que Itamar Even-Zohar estabelece para entender as funções da cultura: “En la concepción de la cultura como bienes, la cultura se considera como un conjunto de bienes valiosos, cuya posesión significa riqueza y prestigio. El poseedor de tal conjunto puede usarlo por lo tanto para mostrar sus riquezas [...] En la concepción de la cultura como herramientas, la cultura se considera como un conjunto de herramientas para la organización de vida, a nivel colectivo e individual” (Even-Zohar 1999: 27-28).

sucesso económico dos Lisboaanos, ensaia desde finais do século XIX novas formas de organização e coesão, assim como de relacionamento físico e simbólico com o espaço da emigração e com o da imigração. Deste modo, o associativismo desponta nas últimas décadas do século XIX, com a Asociación Galaica de Socorros Mútuos (1888), para consolidar-se, já no XX, através da importante Juventud de Galicia (1908-...). Em função de ideias e modelos oriundos da metrópole ou de outros enclaves (o exemplo americano será aqui um elemento fundamental), grupos do enclave notabilizam-se ao constituir as suas próprias organizações; do mesmo modo, lançam efémeras empresas jornalísticas, *Portugal y España* (1913) por exemplo, dotando a comunidade galega no seu conjunto de espaços de lazer e coesão ou de instrumentos de defesa e reivindicação no seio do espaço de imigração. Estas incipientes organizações, por outro lado, encenam a tomada de posição aparentemente maioritária dos membros do enclave (até, no mínimo, 1936) ao se autoidentificarem, com matizes importantes em todo o caso, como galegos no meio (imagologicamente hostil) lisboeta; de facto, as formas do associativismo dos imigrantes procedentes do Estado espanhol foram durante as primeiras décadas do XX assunto não alheio à discussão e certa polémica. Neste sentido, o percurso de Alfredo Guisado mostra como para os membros do enclave nascidos portugueses (ele assim se posiciona) a Galiza pode representar um conjunto de elementos (materiais, simbólicos, etc.) aos quais se associar. Convém referir que nas sucessivas tomadas de posição guisadianas, a sua vinculação à, em geral, Galiza não se coaduna com uma potencial *espanholidade*.

O percurso guisadiano espelha igualmente o papel relevante que o enclave galego de Lisboa desempenha na ideação e desenvolvimento do agrarismo. Necessitado de apoios, financiamento e, igualmente importante, agentes que atessourem um capital simbólico reconhecido entre a comunidade (metropolitana e do enclave), o agrarismo serve-se das redes sociais que os galegos de Lisboa vão e pouco e pouco tecendo. António Venâncio Guisado e Alfredo Guisado serão, nesta direção, dois agentes dispostos a contribuir com os seus capitais na organização do associativismo agrário tanto na capital lusa como na metrópole familiar. Assim, por exemplo, pai e filho são em 1915 “Vocal” do “Consejo Fiscal” e Presidente da “Asamblea general”, respetivamente, da Unión Agraria de Galicia em Lisboa (*El Tea*, 9/07/1915, p. 3). Deste modo, vemos como as formas de estar, as práticas, destes emigrantes (do pai, *stricto sensu*) estão também condicionadas pelos fortes vínculos que mantêm e fortalecem com a terra das origens; o filho, português de nascimento, participa igualmente nestas lógicas⁵.

⁵ O envolvimento dos Guisado no agrarismo implicou até o pagamento de multas (cfr., p.ex., *El Tea*, 26/10/1917, p. 1).

Estes vínculos, todavia, não se expressam somente nas tomadas de posição no campo político em sintonia com os postulados agraristas. Como noutros casos, a ligação com a terra das origens familiar e com o enclave lisboeta possibilita ao Alfredo Guisado poeta o manejo de uma série de materiais e modelos de visão que, na prática, contribuem, por exemplo, para nobilitar de alguma forma o mundo rural que conhece (Ponte Arêas-Pias-Mondariz) na sua produção poética, nomeadamente no poemário *Rimas da Noite e Tristeza* (1913); assim por exemplo (*id.*: 68):

Sino da minha aldeia que escutei
E tantas vezes, tantas, me embalou.
Minha terra adorada, ó terra qu'rida,
O' terra onde nasceram os meus pais
Eu te dirijo a minha despedida!"
E fêz-me repetir triste também;
—“O' terra onde nasceram os meus pais,
Eu te dirijo a minha despedida!"

Em cartas à que viria ser a sua esposa, Alfredo Guisado longe de silenciar as suas origens (porventura menos atrativas na capitalina Lisboa), patenteia esta visão interessada e amável do *seu* espaço rural; por exemplo (a 5/08/1916):

tomei o comboio que me conduziu a Vigo [...] durante o caminho ia vendo aqui e ali o encanto desta paisagem e os costumes desta região. Enquanto esperava o comboio, que demorava mais duma hora, dei um passeio pelas imediações da estação e numa eira duma pobre casa de campo pude ver uma malha. É sempre interessante ver uma malha, por isso me conservei alguns momentos a vê-la. Depois voltei à estação e cheguei por fim à cidade, onde me encontrei com aquela vida de todas as cidades, aquela vida monótona e febril [...] Amanhã é dia de romaria aqui, na aldeia. Os S.S. Nomes de Jesus [?], festa numa capela que branqueja no cimo dum outeiro, onde se fazem muitas promessas.

A valorização assim como a identificação sentimental com o espaço de origem explicita-se noutra direção no caso, por exemplo, de Alejo Carrera Muñoz. Desde 1907 em Lisboa, aonde tinha chegado com 14 anos, conseguirá ter um sucesso importante enquanto proprietário de empresas jornalísticas e, como os Guisado, significar-se-á nas fileiras republicanas na metrópole (foi o primeiro *alcalde* republicano de Mondariz). Alejo Carrera promove, graças aos capitais de vária espécie acumulados no espaço da emigração, a constituição do seu lugar de origem, Portela (a partir de 1926 *Villasobroso*, em Ponte Arêas), como Entidad Local Menor desde 1924 (e até a atualidade); ali, elucidativamente, adquire, reconstrói e dignifica o Castelo do Sobroso, hoje património público.

Em geral, parece possível entender que uma parte significativa da colónia galega de Lisboa, longe de se afastar das suas origens, em regra humildes, explicita

e mesmo fortalece os vínculos com estas de diversas formas. Assim, por exemplo, perante as contínuas piadas e discriminações várias que os lisboetas costumam lançar aos galegos na altura, ativando uma representação imagológica menos amável para com os galegos de longo percurso, estes não optam inequivocamente, como apontava mais acima, por se autoidentificarem como espanhóis ou por apagar as suas marcas diferenciais. Face a isto, uma parte significativa da colónia parece vincular-se a uma ideia de *galeguidade*, difusa em todo o caso, expressa nos repertórios musicais dos eventos associativos⁶, nos elementos heráldicos da bandeira da própria Juventud de Galicia (repare-se na denominação da organização associativa dos galegos) ou nos protestos públicos que realizam no seio do espaço social português quando se sentem lesados.

Esta difusa galeguidade, contudo, não se explicita no uso generalizado da língua das origens, antes pelo contrário: a língua de uso habitual em contextos formais é durante as primeiras décadas do século XIX o espanhol, ao lado, em ocasiões, do português. O próprio Alfredo Guisado assina crónicas (da sua inteira autoria?) no semanário *El Tea* naquela língua, maioritária, de resto, na documentação interna de Juventud de Galicia. Dificilmente poderia ser de outra forma, pois na própria metrópole as práticas não eram muito diferentes, o qual não revela qualquer indício de contradição nas práticas da colónia galega; no enclave apenas replicam, com alguns matizes, um modelo de uso das línguas(/dialetos, na altura), de *bens e ferramentas*.

As ideias e as práticas, assim como os modos de perspetivar sentimental e identitariamente a terras das origens no enclave complexificam-se a partir de meados da década de 10, quando ao lado do agrarismo ou de forças de signo conservador (cfr. González 2013), começa a fazer-se sentir o renovado discurso do galeguismo após a irrupção dos nacionalistas das Irmandades da Fala. Como é bem conhecido, após 1916, os galeguistas metropolitanos (apesar do seu carácter social e politicamente minoritário) protagonizam um importante processo de expansão e de fortalecimento ideológico e, nomeadamente, organizativo (Villares 1983; Torres 2010). A relevância para o enclave galego de Lisboa da proliferação galeguista reside, dito sinteticamente, no (i) facto de a cultura, entendida aqui num sentido amplo, ser um elemento central para os galeguistas, para os quais (ii) a colónia galega em foco é, desde a primeira hora, um espaço de expansão pretendido e, para alguns (caso de Antón Vilar Ponte) bem conhecido. Em casos como o de Alfredo Guisado a proliferação galeguista será, a vários efeitos, determinante.

⁶ Cabe pensar que a organização da vida associativa de Juventud de Galicia, no que diz respeito nomeadamente a eventos do tipo concertos, bailes, recitais e etc., deveu nutrir-se também de modelos procedentes de outras organizações congéneres na Lisboa da altura.

Paralelamente a uma menor visibilidade do agrarismo e as suas lutas, a partir de 1919, em Alfredo Guisado assim como, com especial relevância, em Juventud de Galicia, os ecos do galeguismo fazem com que, por exemplo, a identificação da terra das origens com a Galiza passe a ser dominante (face a visões cujo referente principal é local nas suas várias dimensões), ao passo que esta passa a ser mais explícita nas suas tomadas de posição espaço social português. A existência em 1919 de uma “Comissão de Propaganda de Autonomia Regional da Galiza” no enclave, da qual faz parte Alfredo Guisado e a que preside o Presidente de Juventud de Galicia é indício claro do que acabo de afirmar. Esta Comissão irá organizar, segundo *O Século* (4/05/1919, p. 4), três conferências em Juventud de Galicia: “La colónia galega y el problema de autonomia de Galicia”, a cargo de Alejo Carrera, “Alma galega”, de Ramiro Vidal Carrera e, por último, “Literatura Gallega” por Alfredo Guisado. Nesse mesmo ano, grupos do enclave conseguem significar-se ao levar a cabo uma subscrição entre a colónia para os mutilados de guerra portugueses na Grande Guerra. O resultado desta iniciativa implicou a obtenção de uma ampla visibilidade nos jornais da altura; as páginas d’*A Capital* (30/07/1919), sob a manchete “Para os mutilados da guerra. Um acto de filantropia da colónia galaica de Lisboa”, transcreviam a seguintes palavras de Alfredo Guisado perante o Presidente da República:

‘Excelencia: —Regressando triunfane duma ensanguentada jornada como foi a guerra que acaba de findar, Portugal, o heroico país das descobertas e das conquistas, o país que tem todo um passado de grandeza, trouxe alguns dos seus filhos que tão valentemente defenderam o nome da sua Patria nos campos da batalha, mutilados, impossibilitados de poderem ganhar a sua vida eles que souberam ganhar a sua gloria.

Logo se ergueram como sempre sabem erguer-se, os corações portugueses, para os auxiliar. A colonia galega que vive nesta paiz que tão hospitaleiro para ela tem sido, não se esqueceu tambem do seu dever.

Durante estes anos de finais da década de 10 e inícios da seguinte, Alfredo Guisado está inequívoca e progressivamente vinculado à emergência galeguista. Aqui terá à sua disposição modelos e ideias, não necessariamente novas mas sim mais visíveis socialmente, que acabarão por nutrir as suas tomadas de posição, até o ponto de exercer de intermediário dos galeguistas metropolitanos em espaços como o representado pela republicana e lisboeta publicação *Seara Nova*.

A tomada de posição mais elucidativa (e também a de maior visibilidade para quem analisa desde o atual 2015) de Alfredo Guisado neste sentido surge com o lançamento na Lisboa de 1921 do poemário *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos*. Com capa de Castela e recorrendo aos repertórios literários em uso no emergente

sistema literário galego (também quanto ao modelo de língua), Alfredo Guisado, além de se consagrar como agente filogaleguista, encena literariamente algumas das possibilidades culturais que aqueles (juntamente com outros grupos portugueses) lançam no que diz respeito às afinidades de variado tipo entre a Galiza e Portugal. Anoto, nesta direção, um poema, menos conhecido, que Alfredo Guisado publica em 1925 em *El Pueblo Gallego* (25/07/1925, p. 3) e que veicula parte do repertório literário presente em *Xente d'a Aldea*:

Dois irmãos

Pra lá do Minho entre a Saudade e o mar
E altas torres dos feudais castelos,
Galiza fia o linho do luar,
Deixa na tarde a noite dos cabelos

Passa no río trémulas as águas,
Passam tranquilas pra poder beijá-la,
Portugal, seu hirmao, tenta abraçá-la
Na inquieta ansia de sentir-lhe as máguas.

Meu lindo Portugal das idas lendas,
Sonho de infanta desenhando rendas
Sobre praias vencidas de segredos...

O'minha Santa Terra da Saudade,
Estende mais os teus braços da ansiedade,
Prende-lhe os dedos nos teus longos dedos.

Neste e noutros textos de Alfredo Guisado, assim como nos de outros agentes, parecem notórias as novas possibilidades (*ferramentas*), do ponto de vista cultural (e não só), que se abre os galegos residentes em Lisboa, aos Lisboaanos nomeadamente: a galegidade expressa nestes termos ademais de concorrer com a imagem secular que os vincula com profissões e costumes negativamente conotados, contribui para fortalecer os vínculos com a terra das origens e, em certo sentido, para nobilitar, no seio do espaço social luso, a sua origem e identidade, agora não necessariamente negativa. Isto vai possibilitar que durante da década de 20 e até presumivelmente 1936, grupos do enclave estejam interessados em intervir socialmente também no plano cultural, por meio de diversas iniciativas (por vezes, frustradas) como as aqui referidas ou outras (Pazos 2015: 217 e ss.), atualizando nas suas práticas culturais algumas das ideias que os galeguistas elaboraram e difundiram.

Conclusões

A análise da trajetória de Alfredo Guisado, assim como de outros agentes porventura menos conhecidos, mostra a vitalidade do enclave galego de Lisboa, hoje ainda necessitado de maior atenção investigadora. A mencionada vitalidade exprime-se em várias direções; entre outras, nas formas diversas de entendimento do cultural ou, mais em concreto, nas relações de variado tipo com a metrópole (com a *aldeia* dos antepassados, por exemplo). Neste sentido, o caso guisadiano é particularmente elucidativo pois manifesta como os vínculos sentimentais e de outro tipo, fortes em ocasiões, com a terra das origens perduram por várias gerações, até entre os cidadãos nascidos já portugueses. Por outro lado, espelha como os membros da colónia, atentos ao devir da metrópole, ensaiam diversas formas de organizar a sua vida no espaço de imigração e de apresentar-se perante a sociedade que os acolhe servindo-se também de ideias, ferramentas, elaboradas, não apenas mas nomeadamente pelos galeguistas; assim, o caso de Alfredo Guisado indicia que as práticas culturais dos galegos, dos Lisboaanos mormente, parecem virar também para o *cultural* (no sentido mais tradicional do termo aqui) em função dos benefícios simbólicos e até materiais que tal procedimento lhes podia conferir.

O até aqui dito precisa, como é evidente, de uma confirmação mais alargada com base empírica pois com a informação manejada não tenho como certificar em que medida as ideias ou práticas às quais se associa ou promove Alfredo Guisado são a regra e em que grau entre os membros do enclave. Sim, contribui, considero, para estabelecer um conjunto de hipóteses sólidas acerca da cultura no/do enclave galego da capital lusa, indispensáveis em trabalhos futuros.

Bibliografia

- Alves, Jorge Fernandes (2002): "Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900). Algumas notas", Antonio Eiras Roel & Domingo Gonzalez Lopo (coord.): *Movilidad e migracións internas na Europa Latina*, Santiago de Compostela, Universidad (Catedra Unesco), pp. 117-126 (acessível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11211.pdf>).
- Even-Zohar, Itamar (1999): "La literatura como bienes y como herramientas", Darío Villanueva, Antonio Monegal & Enric Bou, (coords.): *Sin Fronteras: Ensayos de Literatura Comparada en Homenaje a Claudio Guillén*, Madrid, Editorial Castalia, pp. 27-36.
- García Fernández, Xosé Lois (1996): "Patrimonio e cultura da emigración galega en Portugal", Maria Xosé Rodríguez Galdo & Afonso Vázquez-Monxardín (coords.): *Actas do I Encontro sobre o Patrimonio Cultural Galego na*

- Emigración*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, pp. 181-186.
- González Lopo, Domingo L. (2006): “Se se mandassem embora não haveria quem servisse...’ Os galegos em Portugal: Um exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial”, Ruben Lois González & Rosa Verdugo Matés (eds.): *As migracións em Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais*, Corunha, Ed. Candeia, pp. 237-266.
- (2013): “Los lisboanos gallegos y la I República Portuguesa: evolución económica, social e ideológica de un colectivo inmigrante en Portugal”, *Seminário A Emigração na Primeira República*, Fafe, Câmara Municipal de Fafe, pp. 73 -104.
- Guisado, Alfredo (1913): *Rimas da Noite e Tristeza*, Lisboa, Livraria Clássica Editora [Alfredo Pedro Guisado].
- (1921): *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos*, Paris / Lisboa, Ailland e Bertrand [Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Meneses)].
- Martínez Tejero, Cristina (2013): “O fator da territorialidade nos processos de construção identitária e cultural. Relações e conflitos entre os galeguistas do interior e os enclaves americanos no Primeiro Congresso da Emigración Galega (1956)”, *Agália*, 107: 7-27.
- Peña Saavedra, Vicente (2002): “As escolas que viñeron de alén mar (Galicia, ss. XVII-XXI). Algunhas réplicas dende terras lusas”, *Revista da Faculdade de Letras. História*, III, Série, vol. 3: 245-262.
- Pazos Justo, Carlos (2015): *Relações intersistémicas no espaço cultural ibérico: O caso da trajetória de Alfredo Guisado (1910-1930)*, Braga, CEHUM/Húmus.
- Samartim, Roberto López-Iglésias (2012): “A Construção do Conhecimento pela Historiografia Literária dum Sistema Deficitário (o caso galego para 1974-1978)”, *Veredas*, 16: 177.
- Santana, Francisco (dir.) & Sucena, Francisco Eduardo (1994): *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Europam.
- Torres Feijó, Elias J. (2010): “Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo”, Antonio Sáez Delgado & Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936)/Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol. 1, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo/Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 163-185.
- (2015): “Comunidades, coesão, sustentabilidade e fator visitante: ferramentas conceituais e parâmetros para a análise sobre o caso de Santiago de Compostela”, C. Alemida Marques (org): *Planeamento Cultural Urbano em*

Áreas Metropolitanas. Revitalização do Espaço Pós-Suburbano, Lisboa, CAPP-ISCSP-ULisboa & CIAUD-FA-ULisboa [no prelo].

Publicações periódicas

- Capital (A)*, 1919.
- España y Portugal*, 1913.
- Nosa Terra (A)*, 1916-1930.
- Pueblo Gallego (El)*, 1924-1925, 1928-1929.
- Seara Nova*, 1921-1930.
- Século (O)*, 1919.
- Tea (El)*, 1908-1936.
- Vida Gallega*, 1909-1930.